

SABER PESQUISAR, PODER PESQUISAR: AS RESPONSABILIDADES DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS E O PAPEL DOS PROFESSORES¹

KNOWING TO RESEARCH, TO BE ABLE TO SEARCH: THE RESPONSIBILITIES OF THE EDUCATIONAL POLICIES AND THE TEACHERS' ROLE

Luzia Marcia Resende Silva²

RESUMO: Este texto pretende problematizar o discurso que aponta as competências dos professores como grandes responsáveis pelos problemas da educação no Brasil. A reflexão feita tem como base informações de uma pesquisa realizada com professores de História das escolas públicas estaduais da cidade de Catalão-GO, sobre como lidam com a pesquisa no ensino fundamental e médio.

ABSTRACT: This text aims to question the discourse that credits to teachers and their skills as larger responsible for the education problems of Brazil. The reflection made was based on some elements from a research with History teachers of elementary and secondary public schools of Catalão city at state of Goiás about how they deal with research in that levels of education.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa. Ensino de História. Ensino Fundamental e Médio. Escolas Estaduais.

KEYWORDS: Research. History Teaching. Elementary School. Secondary School. State Schools.

Retomarei elementos de um trabalho de pesquisa realizado com professores de História do Ensino fundamental e médio, das escolas públicas estaduais da cidade de Catalão-GO no ano de 2006, para problematizar o modo como tem se processado os discursos a respeito da educação no Brasil, especialmente uma faceta que justifica a desvalorização social e salarial dos professores em todos os níveis do ensino, a partir de argumentos que responsabilizam a “incompetência” destes como causa maior da baixa qualidade da educação no Brasil, principalmente aquela oferecida pelas escolas públicas. Os professores têm sido acusados de terem optado pela carreira docente por incapacidade para seguirem qualquer uma das carreiras de maior prestígio social, logo não só seriam frustrados, como essencialmente incompetentes.

O princípio de que a educação é um elemento decisivo para a melhoria da sociedade, amplamente aceito por todos, é utilizado fartamente nos discursos de todas as colorações políticas, mas, o que realmente vemos, é uma luta ingrata dos professores que têm vivido uma história de greves e uma acentuação progressiva de sua desvalorização. Escrever isso pode parecer bobagem, pois o descaso histórico com a educação no Brasil faz com que os poucos investimentos não resultem em melhoria da qualidade. Não se investe em carreira salarial e nem em criação de melhores condições de trabalho para professores e alunos consigam desenvolverem, com êxito, a tarefa do ensino/aprendizagem. Ao contrário, as escolas têm se tornado campo de violência que muitas vezes surpreendem a sociedade por seu nível cada vez mais profundo.

¹ Os dados apresentados neste texto foram obtidos a partir de uma pesquisa efetuada pela aluna Juliana Costa Carvalho com o plano de trabalho “A Pesquisa em História no Ensino fundamental e médio nas escolas públicas estaduais na cidade de Catalão-GO/2004-2006” no contexto do projeto “O ensino de História no sudeste goiano: análise e reflexões”.

² Doutora em História Social. Professora do Campus de Catalão da Universidade Federal de Goiás. E-mail: luzia.marcia@uol.com.br

Tenho atuado no curso de História do CAC/UFG há mais de uma década, formando professores, orientando a prática de estágio supervisionado e realizando investigações acerca das práticas efetivadas nas escolas públicas pelos professores de História. Além disso, em mais de vinte anos como professora de História, atuei em todos os níveis de ensino. Tenho, portanto, algumas justas razões para participar deste debate e me indignar com aqueles que apontam os professores como desqualificados para o exercício de suas funções e os elegem como os grandes vilões da educação. Percebo este como um discurso camuflado dos problemas estruturais da educação e da sociedade brasileira que não possibilitam que desempenhem seu trabalho como gostariam e poderiam. A contradição dos acusadores se revela no fato de que se os professores e suas capacidades são tão importantes para a educação, por que o sistema os avilta/inviabiliza?

Os muitos anos de experiência como professora e formadora de professores têm me mostrado que, se tem ocorrido avanços no campo da educação no Brasil, isso se deu graças às lutas dos professores, geralmente à revelia dos poderes públicos ou em conflito direto com eles. Pode-se perceber isso, por exemplo, nas lutas dos professores, que se estenderam dos anos 1980 até a primeira metade de 1990 do século XX, que tinham como foco a reformulação dos currículos em todas as áreas, mas de modo muito particular na área de História. Nesse período, os professores tiveram relevante papel na luta pela constituição de um saber escolar mais adequado às reais condições da população brasileira. Os pesquisadores e professores de História voltavam seus olhares para o estudo de novos problemas, novos objetos e novas abordagens, influenciados por questões ligadas à história cultural, social e cotidiana. Introduziram-se em algumas propostas curriculares a preocupação de fazer pesquisa histórica na sala de aula. Em São Paulo houve a iniciativa da Secretaria Estadual de Educação, através da Cenp (Coordenadoria dos Estudos e Normas Pedagógicas) de se construir uma proposta curricular para o ensino de 1º e 2º Graus, tendo como assessores, os professores Marcos A. Silva e Déa Ribeiro Felon.

A proposta da Cenp fundamentava-se em torno do questionamento de três pontos básicos: posturas frente ao ensino/aprendizagem, produção de conhecimento e concepção de História (REIS, 2001, p. 33). Eram subsídios que davam possibilidades para o professor utilizar diferentes linguagens na aprendizagem a utilização desses novos métodos de ensinar tem como objetivo despertar no aluno a capacidade de criar e analisar.

Essas modificações na forma de ensinar surgem da necessidade e do desejo de renovar a concepção e a metodologia do ensino nos vários campos do conhecimento humano e em todos os níveis de escolaridade o que, de certa forma, é determinado pelas mudanças de concepção de homem, sociedade e ciência, que vinham ocorrendo em função da transformação das relações sociais e de produção da sociedade daquele momento histórico. (HORN e GERMINARI, 2006, p. 7).

Os planos da Cenp romperam com certas práticas tradicionalistas ao recolocar a questão da produção do conhecimento nas séries fundamentais do ensino, sugerindo que se resgatasse a articulação entre ensino e pesquisa e a superação entre os graus de escolaridade no que se referia à produção do conhecimento, isso mexeu em algumas feridas do sistema educacional (REIS, 2001, p. 35). A proposta curricular apresentada à Cenp questiona a postura de alunos e professores como meros transmissores e receptores passivos de um conhecimento produzido fora de suas realidades sociais e busca recuperar a relação ensino/aprendizagem.

O professor ao trabalhar com a reflexão sobre as experiências vividas, poderia conduzir o aluno a se perceber como sujeito de processos mais amplos e assim assumir uma outra perspectiva e concepção diante da História, sendo então capaz de aprender outros momentos históricos, reconhecendo neles os agentes e suas ações ao longo do tempo e acima de tudo conduzindo o aluno a descoberta de como memória e História se encontram associadas a processos sociais vividos. (REIS, 2001, p. 35).

Com a proposta da Cenp, a escola passa a ser concebida como espaço de produção de conhecimento. Ela acenava para a construção de nova mentalidade a respeito do papel da escola, de sua função social e para a construção de uma nova concepção a respeito de como e para que ensinar História.

[...] a proposta de ensino por eixos temáticos exigia uma reorganização do trabalho do professor na rede escolar, ampliação da carga horária de trabalho e redimensionamento do espaço educativo, além de um reaparelhamento da unidade escolar com a criação de bibliotecas e acesso a livros e recursos vários que possibilitassem o trabalho do professor (REIS, 2001, p 45).

A formação do profissional em educação sempre foi um dos problemas mais sérios do processo educacional brasileiro. As recentes discussões a respeito deste assunto tem propiciado avaliações sobre a formação e a prática desse profissional. O novo professor deverá trazer para o ensino fundamental e médio uma perspectiva inovadora para o ensino de História utilizando-se de pesquisas em diferentes suportes de memória, mas essa nova prática de ensinar acaba gerando preocupação por parte dos estudiosos da educação: será que estes novos métodos são utilizados corretamente pelo professor? Muitas vezes, condzidente com seu desejo de melhorar a educação, mas sem estrutura para tal, os professores acabam usando tais recursos de forma meramente ilustrativa para os conteúdos desenvolvidos dentro da disciplina ou como atividade complementar aos textos de apoio encarados como conhecimentos não passíveis de questionamentos.

O recurso às diversas formas de linguagem, apesar de abrir um amplo campo de possibilidades, coloca-nos uma série de riscos. Preocupados em oferecer uma perspectiva mais atraente para o ensino em sua disciplina, muitos professores recorrem a textos literários, relatos de viajantes, documentários, filmes e fotografias como recurso ao ensino e apoio pedagógico. O uso de tais recursos, tanto por parte dos professores, como de pesquisadores, impõe a necessidade de estarmos atentos a dimensão específica de tais linguagens, pois, enquanto manifestação da experiência são elementos constitutivos da realidade social, carregados de significados sociais, que não são neutros e despolitizados (REIS, 2001, p.111).

Pesquisadores e formadores de professores têm produzido reflexões no sentido de tornar cientes os professores que qualificam a utilização dos novos métodos e novas linguagens de ensino requer um aprofundamento de seu conhecimento acerca da constituição das diferentes linguagens, seus limites e suas possibilidades. Fonseca (2003) ressalta que as metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanentes atualizações, constantes investigações e contínuas incorporações de diferentes fontes em sala de aula.

Tem sido dada importância em instrumentalizar os professores para se trabalhar com projetos em História, pois acredita-se que a aliança entre pesquisa e ensino propicia a educação para a cidadania. O trabalho com projetos de pesquisa é uma metodologia democrática que parte dos sujeitos e é planejada, construída e avaliada pelos próprios sujeitos históricos do processo de ensino: alunos e professores. Martins (2005) diz que um projeto de pesquisa não é uma metodologia didática nova, mas uma concepção de como replanejar o ensino-aprendizagem pela procura de solução para problemas reais por meio da investigação sobre um tema e o estabelecimento de relações entre ideias-chave e métodos de diferentes disciplinas. Um projeto escolar se caracteriza por:

- Partir de um tema que funciona como fio condutor do trabalho.
- Extrapolar os currículos escolares na busca de novas versões de informações.
- Investigar temas que são de interesse dos alunos ou vivenciados por eles.
- Desenvolver o gosto pela pesquisa com buscas, entrevistas, estudos.
- Promover a reflexão e a interpretação dos conceitos aprendidos.
- Facilitar a interdisciplinaridade e a parceria entre alunos e professores.

Projetos de trabalho, de ensino e pesquisa podem contribuir para a produção de uma outra lógica construtiva que não se coaduna nem se submete à lógica de mercado, dos produtores de materiais didáticos descartáveis, e, ao invés de resposta pronta e acabada faça despertar o desejo, o gosto, a imaginação e a curiosidade pela compreensão histórica. Fonseca (2003, p. 119) diz:

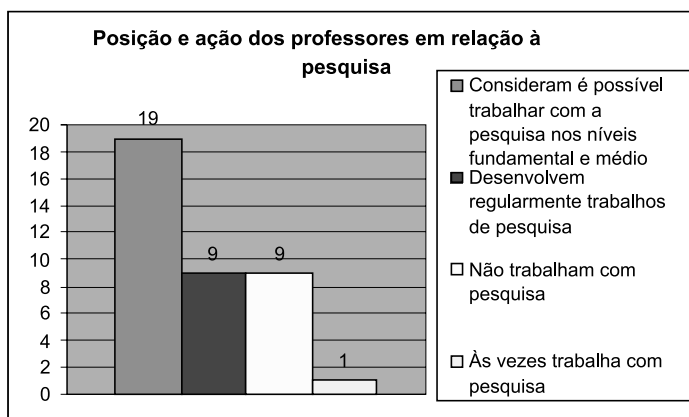
Alunos e professores, como sujeitos da ação pedagógica, têm, constantemente, oportunidades de investigar e produzir conhecimentos sobre a nossa realidade, estabelecendo relações críticas, expressando-se como sujeitos produtores de História e do saber.

No livro História – o prazer em ensino e pesquisa, Marcos A. da Silva trabalha com o prazer do conhecimento gerado pelas novas dimensões do saber, os patrimônios históricos e a memória, nas quais o cidadão tem a possibilidade de contato com a História através de visitas a museus, bibliotecas, arquivos e produções artísticas, tornando o aprendizado numa forma simples, agradável e de fácil entendimento. É importante que as escolas utilizem métodos diferenciados na educação, pois geram um interesse maior no aluno. Pode-se notar, assim, grandes esforços dos pesquisadores formadores de professores de História no sentido de instrumentalizar os profissionais da área para uma atuação com qualidade. Tenho acompanhado, também, desde meados dos anos 1980, quando me tornei professora, uma intensa luta dos professores de todos os níveis em defesa da educação pública, seja fazendo atividades e campanhas com o fito de arrecadar recursos que possibilitem um mínimo de condições às escolas e aos alunos, realizando greves com longas pautas de reivindicações que, infelizmente, nunca são atendidas, seja pagando de seus próprios bolsos substitutos para atuarem em seus lugares quando participam de algum curso de capacitação, ou gastando seus irrisórios salários para produzirem materiais didáticos que tornem possível realizarem seus sonhos de ensinar com qualidade os filhos dos trabalhadores deste país.

Alinhada a esta trajetória de lutas pela melhoria da qualidade do ensino de História, a reflexão que se realiza a respeito da indissociabilidade entre ensino e pesquisa em História nas escolas estaduais de Catalão em 2006, objetivava perceber como atuavam os professores, boa parte deles formada pelo curso de História do CAC/UFG, uma vez que a associação entre ensino e pesquisa tem sido considerado um dos grandes avanços da área, fruto das lutas e reflexões dos professores/pesquisadores da área.

Nos questionários distribuídos foram feitas perguntas relacionadas à pesquisa em sala de aula. Pelas respostas recolhidas (um total de 19 questionários), todos os professores que se posicionaram consideram possível o trabalho com investigação nos ensinos fundamental e médio, embora apenas 9 tenham afirmado desenvolver regularmente estes trabalhos. Outros 9 afirmaram não trabalhar com pesquisa, se queixando da falta de interesse por parte dos alunos e disponibilidade de tempo para uma orientação mais aprofundada e 1 respondeu que algumas vezes trabalhava com a pesquisa. O gráfico abaixo demonstra essa afirmação.

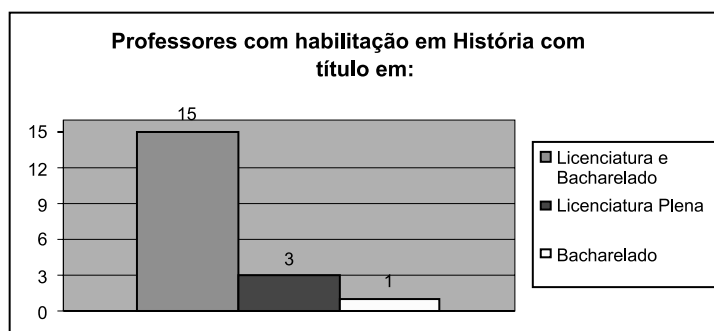
GRÁFICO 1



Pode-se perceber que a indissociabilidade entre ensino e pesquisa nos níveis fundamental e médio faz parte do repertório de possibilidades de trabalho nos quais os professores acreditam. Foi possível inferir que isso talvez fosse parte do seu processo de formação, apesar de os estudiosos da formação de professores, como Marcos A. Silva, dizerem que o ensino superior deixa de assumir responsabilidades na preparação de seus próprios alunos para ensino e pesquisa, ou seja, o conhecimento recebido na Universidade pelos futuros professores de História é repassado como pronto e acabado aos alunos do ensino secundário, negando-se a estas atitudes questionadoras, colocando-os passivos diante dos conteúdos transmitidos. Também Reis (2001) afirma que o professor formado pelas licenciaturas chega ao ensino fundamental viciado pelas práticas pouco saudáveis da universidade, em que o professor é um mero reprodutor das informações produzidas.

Talvez aqui uma reflexão se faça necessária, uma vez que dentro do sistema educacional, pensado como um campo de forças, o ensino e a pesquisa não são tarefas neutras, mas estão postos no interior de grupos sociais que lutam por tornar hegemônico seus projetos e formar professores comprometidos com a manutenção do status quo. Felizmente os grupos comprometidos com a associação entre pesquisa e ensino que pode ser identificado com ampliação da cidadania, tem se fortalecido nesta última década.

Nota-se pelas respostas dadas pelos professores de História da rede estadual em Catalão que há um grupo se esforçando para alterar o quadro do ensino reprodutivista, o que não significa que não estejam postos em um campo de pressões, no qual, ao invés de estímulo, às vezes sofram boicotes ou represálias. No caso, os professores em questão, em sua maioria possuem dupla habilitação, como é possível verificar no gráfico abaixo:

GRÁFICO 2

Foi possível ver que grande maioria dos professores (15) possui o título de licenciatura e bacharelado e um professor possui o título de bacharelado, portanto 16 professores possuem o título de bacharel. Sabemos que para obtenção do título de bacharel, pelo menos na instituição onde 15 deles a obtiveram (curso de História do CAC/UFG) é necessário a produção de uma monografia, logo o debate sobre a elaboração de uma pesquisa foi parte importante de sua formação. Entretanto, como afirma Fonseca (2003), a realização da proposta de indissociabilidade entre ensino e pesquisa de forma global pressupõe o rompimento com as concepções científicas de ensino, de filiação positivista, segundo as quais a pesquisa é tarefa neutra, deslocada da prática social e acessível apenas aos especialistas e, também, implica no rompimento com a concepção de escola e ensino como meros reprodutores de saberes, ideias e valores produzidos em outra esfera.

Nos questionários analisados, os professores que dizem não se utilizar da pesquisa em suas práticas educativas se justificam alegando dificuldades em suas condições de trabalho, e não descrença em relação à possibilidade da pesquisa nesses níveis de ensino. E será que esses professores se consideram preparados para trabalhar com ensino e pesquisa?

Prof. 1- Sim, trabalhei com pesquisa na faculdade.

Prof. 2- Sim, após passar por um curso superior na área de História e 20 anos de trabalho na educação, me sinto preparada.

Prof. 3- Sim, a todo momento estamos interagindo com informações atuais na busca de um melhor ensino-aprendizagem.

Prof. 4- Não, por falta de leitura na área e também acúmulo de carga horária de trabalho.

Prof. 5- Sim, o curso e a atividade docente mostra alguns caminhos.

Prof. 6- Sim, acredito que posso desenvolver trabalhos de pesquisa, mas, nas escolas estaduais, enfrento uma série de problemas (carga horária, recursos, disponibilidade de horário, etc.).

Prof. 7- Sim, tive uma preparação para isso quando procurei um curso de Pós-graduação, mas a infraestrutura da escola pública não permite a integração ensino-pesquisa.

Prof. 8- Sim, a nossa formação nos preparou bem.

Prof. 9- Sim, não trabalho e não vejo como é possível desvincular o ensino da pesquisa como professora de História.

Prof. 10- Sim.

Prof. 11- Sim.

Prof. 12- Não, durante a minha formação acadêmica não havia preocupação com a pesquisa. Apenas com a prática em sala de aula.

Prof. 13- Sim, a preparação do historiador ela acontece todos os dias em contato com o mundo.

Prof. 14- Sim, fiz o Curso de História e gosto de História.

Prof. 15- Sim, a todo momento estamos interagindo com informações atuais na busca de melhor ensino-aprendizagem.

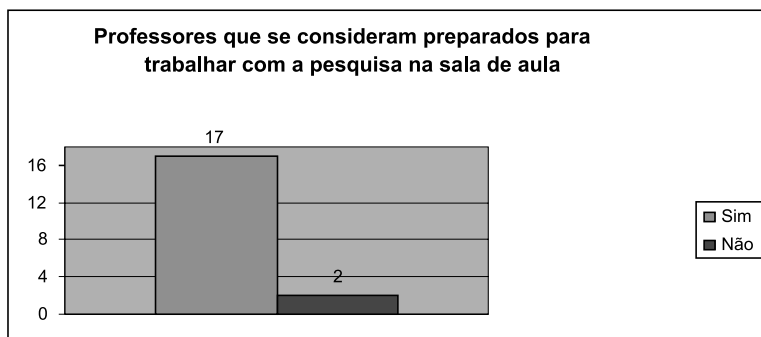
Prof. 16- Sim, me considero preparada, pois não há como trabalhar História sem pesquisar (questionar, analisar).

Prof. 17- Sim.

Prof. 18- Sim.

Prof. 19- Sim

GRÁFICO 3



Apenas 2 professores disseram não se sentirem preparados para trabalhar com a pesquisa na sala de aula. Comparando o gráfico 2 e 3, é possível dizer que existe uma relação direta entre um índice e outro evidenciada nas próprias respostas, assim há um ganho na qualidade do ensino quando o professor de História possui a habilitação dupla.

Questionou-se em qual nível de ensino é preferível para a realização da pesquisa. Dos questionários analisados, 7 professores dão preferência ao Ensino Médio, 5 ao Ensino Fundamental, 6 afirmaram desenvolver a pesquisa em todos os níveis e 1 não respondeu.

E quais os turnos em que mais é realizado a pesquisa com os alunos? Dos questionários analisados, 13 professores preferem desenvolver o trabalho de pesquisa com alunos do turno matutino, 2 preferem o turno vespertino, 1 prefere o turno noturno e 4 não responderam. Mas qual o motivo que levam os professores a optarem pelos turnos que disseram desenvolver mais o trabalho de pesquisa?

Prof. 1- O turno matutino e vespertino.

Prof. 2- O turno matutino, pois só trabalho neste período.

Prof. 3- Os turnos matutino e vespertino.

Prof. 4- O turno matutino. O ensino médio oferecido na escola (noturno) é EJA: Educação de Jovens e Adultos e é uma realidade particular por mais que o professor se esforce o tempo deles é o da sala de aula.

Prof. 5- O turno matutino, os únicos que ainda podem praticar, devido ao tempo, são deste período.

Prof.6- O turno matutino, pela predisposição dos alunos, disponibilidade em outro turno.

Prof. 7- O turno matutino, por causa de maior dedicação, tempo (alunos não trabalham), maior interesse dos aluno.

Prof. 8- O turno noturno, porque é nesse turno que ministro aulas.

Prof. 9- O turno matutino, considero que quando a pesquisa seja direcionada, orientada, passa a ser desenvolvida em todos os níveis de acordo com a capacidade dos alunos.

Prof. 10- Matutino, nos últimos anos estou como coordenadora do EJA (Educação de Jovens e Adultos) e completo carga horária no período matutino com o ensino fundamental, portanto realiza-se pesquisas com esses alunos.

Prof. 11- O turno matutino, é o turno onde os alunos têm mais disponibilidade para a pesquisa.

Prof. 12- Os turnos matutino e vespertino, pois são os turnos em que trabalho.

Prof. 13- O turno matutino, pois o período noturno geralmente os alunos trabalham e não tem muito tempo para pesquisar.

Prof. 14- Sem resposta.

Prof. 15- O turno matutino.

Prof.16- O turno matutino. A realização de pesquisa com os alunos do matutino é mais frequente, devido entre outros fatores, o tempo de duração das aulas, condições dos mesmos utilizarem o laboratório de informática, biblioteca, fazer um trabalho de campo.

Prof. 17- O turno matutino.

Prof. 18- Sem resposta.

Prof. 19- O turno matutino.

Como é possível observar pelas respostas, o turno preferencial para se trabalhar com a pesquisa é o matutino, devido à predisposição dos alunos, pois geralmente no turno noturno a maioria dos alunos trabalha, não tendo tempo de se dedicar a um trabalho de pesquisa. As respostas dadas nos permitem inferir que, para que a pesquisa se torne um procedimento corriqueiro, o que falta não é capacidade dos professores, mas alterações profundas nas estruturas educacionais, nas quais alunos e professores possam dispor de tempo, e isto implica, por exemplo, o fato do professor ficar correndo de escola em escola para sobreviver, mas possa se dedicar a uma escola e a seus alunos para orientá-los e acompanhá-los adequadamente.

Cabe também dizer que não basta os professores saberem, é preciso que tenham condições de realizar o que sabem. Este modelo de educação, em que a única condição oferecida, tanto aos professores quanto aos alunos trabalhadores, é um curto espaço de tempo, quando, no máximo, podem desfrutar de “cuspe, giz e talvez algum livro didático”, praticamente inviabiliza a efetivação das práticas que reconhecidamente poderiam melhorar a qualidade da educação.

Ao se refletir, especialmente sobre a questão da qualidade do ensino noturno, indaga-se: estariam os alunos do turno noturno, por serem trabalhadores e não disporem de tempo para realizarem pesquisa de campo, condenados a um ensino mecânico e reprodutivista? Será que professores melhor remunerados e com um pouco mais de tempo não elaborariam projetos que pudessem minimizar estes problemas?

Como é feita a apresentação dos alunos à pesquisa? A pesquisa deve se iniciar através do conhecimento do aluno diante do problema escolhido por ele, pois toda pesquisa inicia-se com um problema. O aluno terá de resolver sua problemática através da procura; deve haver uma reflexão do professor e do aluno no momento de escolha do tema, das fontes e das referências bibliográficas a serem utilizadas na abordagem, pois como pesquisadores, irão criticar, questionar e finalmente,

reelaborar, sistematizar a problemática e a temática, tudo isso dentro dos limites e possibilidades da pesquisa realizada.

A pesquisa como princípio educativo se opõe totalmente ao mero ensinar e aprender (mecânico) e ao professor administrador de aulas ou repassador de conhecimentos. Para tanto, além de se desmistificar o conceito de pesquisa como atividade elitizante, como é comumente utilizado há que se rever a concepção de professor. Isto é a pesquisa há de ser concebida como uma atividade comum dos professores e dos alunos e deve ser considerada como elemento central do processo metodológico. Isso significa que ser professor implica ser pesquisador, que deve vivenciar e construir no cotidiano a relação dialética entre teoria e prática. (HORN; GERMINARI, 2006. p. 98).

Transformar a sala de aula em lugar de pesquisa histórica exige algumas considerações. A qualidade do encaminhamento proposto é atribuir ao ensino o sentido de iniciação à pesquisa. O professor deverá estabelecer um problema que estará articulado com fontes de seu conhecimento.

Abaixo encontram-se as concepções de pesquisa dos professores que responderam ao questionário.

O que é a pesquisa em História?

Prof. 1- É levantar problemática para tentar mudar a realidade e mostrar para os alunos uma nova maneira de estudo.

Prof. 2- É uma investigação e estudo a fim de descobrir fatos históricos e fatos relativos a um campo do conhecimento.

Prof. 3- A sala de aula se torna um laboratório.

Prof. 4- Minha concepção é que se o aluno e professor pesquisar, a concepção de História pode até mudar, deixa de ser uma disciplina morta, sem graça e os alunos vão se interessar muito.

Prof. 5- Hoje temos um público que geralmente estuda em um horário e trabalha no outro período, isto dificulta pesquisar, mas temos vários temas e objetos que podem e devem serem discutidos e pesquisados.

Prof. 6- Por enquanto trabalhamos com a pesquisa bibliográfica ligada a temas históricos nas escolas estaduais (Ensino Fundamental principalmente). Na rede particular já trabalhei com pesquisa ligada a tombamento e patrimônio histórico na cidade de Ipameri (obtive bons resultados).

Prof. 7- A pesquisa no ensino de História é fundamental, porque norteia a prática e a produção de conhecimento. Para ser desenvolvida no Ensino Fundamental precisa de investimentos e mais formação profissional.

Prof. 8- É a busca de informações que devem ser selecionadas, organizadas, analisadas e interpretadas. O professor pode criar situações (em sala de aula, estudos do meio, visitas a espaços culturais, etc.) onde os alunos possam extrair informações de diferentes fontes: livros, jornais, revistas, filmes, fotografias, objetos, músicas, mapas, etc.

Prof. 9- A pesquisa é objeto da História, ela amplifica nossa memória, nossa percepção abrindo novos horizontes. Por exemplo, o uso do computador é incontestável, representa, diversifica centrais de informação, disseminando centros de interesse e diversidade de pontos de vista e linguagens.

Prof. 10- Concebo a pesquisa em História sendo a "investigação" de um dado tema, para dar respostas as questões que nos incomodam no presente.

Prof. 11- Com relação ao ensino médio a pesquisa deve ser conduzida atendendo aos critérios de capacidade dos alunos.

Prof. 12- É procurar levar o aluno a ser sujeito no processo ensino aprendizagem, questionando e formulando novas visões de mundo. A pesquisa deve ser introduzida a partir de mundo. A pesquisa deve ser introduzida a partir daquilo que é comum aos alunos tais como elementos da comunidade em que estão inseridos.

Prof. 13- A realidade vivida de cada aluno e sua relação com sua própria História, pois antes de ser aluno ele é agente histórico.

Prof. 14- A pesquisa é a investigação dos fatos, documentos, objetos, fósseis, etc. Visando o desenvolvimento e entendimento do homem. No ensino fundamental envolve uma distribuição básica entre o saber histórico como conhecimento produzido no espaço escolar. No ensino médio o fato histórico de sujeito histórico e de tempo histórico.

Prof. 15- A sala de aula a cada dia se torna um laboratório.

Prof. 16- É uma metodologia que possibilita os alunos a produzirem conhecimento, ela pode ser desenvolvida através de uma temática que envolve problemas atuais.

Prof. 17- Sem resposta.

Prof. 18- Uma constante busca de conhecimentos levando à uma compreensão de mundo.

Prof. 19- Uma forma de desenvolver a formação de cidadãos conscientes e críticos da realidade em que estão inseridos. Transformar o aluno em um homem crítico capaz de analisar e interpretar fatos.

Os professores acreditam que a pesquisa seja uma forma de encaminhar os alunos à produção do conhecimento, fazendo com que se tornem agentes e atores do processo histórico e não pessoas passivas diante do tempo e dos fatos. O que falta são condições para a viabilização dos trabalhos.

Como é trabalhado o processo de iniciação do aluno à pesquisa? Dos 19 questionários analisados, 5 professores disseram que trabalham com obras de iniciação à pesquisa, porém apenas 1 respondeu com qual obra trabalha, embora a obra citada não tenha como objetivo instruir o aluno sobre como desenvolver um projeto de pesquisa; 14 professores disseram não trabalhar obras de iniciação à pesquisa.

Esses dados indicam que as instruções dadas ao aluno sobre como desenvolver um trabalho de pesquisa são incompletas. Os professores disseram orientar o aluno à pesquisa, indicando bibliografias, porém não citam nenhuma obra, ou seja, o professor solicita o tema ao aluno, sem fornecer as instruções necessárias.

Selva Guimarães Fonseca, em seu livro *Didática e Prática de Ensino de História* traz críticas ferrenhas sobre a pesquisa no ensino fundamental e médio. Ela considera que a pesquisa é realizada sem atentar-se aos procedimentos mínimos, como um mero faz-de-conta, momento em que o professor finge que ensina e o aluno finge que aprende, transformando o trabalho de pesquisa numa forma do professor vencer determinados itens do programa, sem ensiná-los (FONSECA, 2003, p. 118). Se de fato isto acontece, quais seriam as razões? Por que professores e alunos agiriam assim? Por que estabeleceriam um acordo tácito de não ensino/aprendizagem de determinados itens do programa?

No questionário, foi perguntado se o (a) professor (a) leu algum livro/texto que discute a realização de trabalhos de pesquisa no ensino fundamental e médio. As respostas foram as seguintes:

Prof. 1- Sim, leio Nova Escola, Época e Veja.

Prof. 2- Sim, não é citado o nome de nenhuma obra.

Prof. 3- Sim, não é citado o nome de nenhuma obra.

Prof. 4- Já, no momento não me lembro.

Prof. 5- não, alguns antigos.

Prof. 6- Sem resposta.

Prof. 7- Não, somente voltados para pesquisa no Ensino Superior.

Prof. 8- Revistas, Caderno Espaço Feminino (NEGUEM) CDHIS – UFU, Cadernos de História do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, departamento de História – UFU, etc.

Prof. 9- Já visitei alguns sites que fazem reflexões a cerca do assunto, mas sinto necessidade de ampliar conhecimentos nesse sentido.

Prof. 10- Método e Técnica de Pesquisa, não é informado o autor, outros (não me lembro o título).

Prof. 11- Livros de Nelson Pillele.

Prof. 12- Sem resposta.

Prof. 13- A todo momento o estudo de História na prática se torna uma pesquisa.

Prof. 14- Parâmetros Curriculares e outros com iniciação à pesquisa.

Prof. 15- Sim, não é citado nenhum nome de obra.

Prof. 16- Sim, alguns textos que abordam o como trabalhar com Pedagogia de projetos.

Prof. 17- Sem resposta.

Prof. 18- Sem resposta.

Prof. 19- Sem resposta.

Pelas respostas dadas, podemos notar que grande parte, 12 professores, leu obras de iniciação à pesquisa, porém apenas 7 citam o nome das obras e dentre estas estão revistas e sites de internet; 5 não responderam e apenas 1 disse que não leu obras de iniciação à pesquisa no ensino médio, somente obras voltadas à pesquisa para o nível superior. Levando em consideração, no entanto, que a maioria destes professores é formada em História, com o título de licenciatura e bacharelado, é sua obrigação ter o conhecimento de obras de iniciação à pesquisa, pois este tipo de leitura está inserido nos conteúdos das disciplinas do curso superior.

Foi questionado se os professores desenvolveram algum projeto de pesquisa.

Prof. 1– Sim.

Prof. 2– Sim. Sua temática de pesquisa: Catalão de hoje – moradia, emprego e salário, etc, utiliza fonte oral.

Prof. 3– Sim. Sua temática de pesquisa: Cultura afro-brasileira – o negro pelo negro; utiliza como fonte o manual curricular do MEC, apresentando a obrigatoriedade da cultura afro-brasileira.

Prof. 4– Sim. Sua temática de pesquisa: Mulher trabalhadora na escola: Respeito às minorias, patrimônio cultural, construção da escola e gostaria de desenvolver o projeto: Conhecendo Catalão; utiliza fonte oral, leituras teóricas e análise de documentos.

Prof. 5- Não.

Prof. 6- Não.

Prof. 7– Sim. Sua temática de pesquisa: História e cultura local; utiliza contos populares da região de autores de Catalão e fonte oral.

Prof. 8- Não.

Prof. 9– Sim. Utiliza todas as fontes disponíveis na escola em que trabalha, principalmente a internet e o CD-Rom, livros, jornais, revistas e também fonte oral.

Prof. 10– Sim. Sua temática de pesquisa: História e meio ambiente, História e Arte (parceria com o curso de História – UFG; utiliza textos, documentos, fonte oral, vídeo, etc.

Prof. 11- Não.

Prof. 12- Não.

Prof.13– Sim. Sua temática de pesquisa: Projeto Cultura Afro-Brasileira,

Prof. 14- Sim. Utiliza fonte oral.

Prof. 15- Não.

Prof. 16- Sim. Sua temática de pesquisa: Qualidade de vida – cultura no túnel do tempo, cidadania; utiliza fonte oral e escrita.

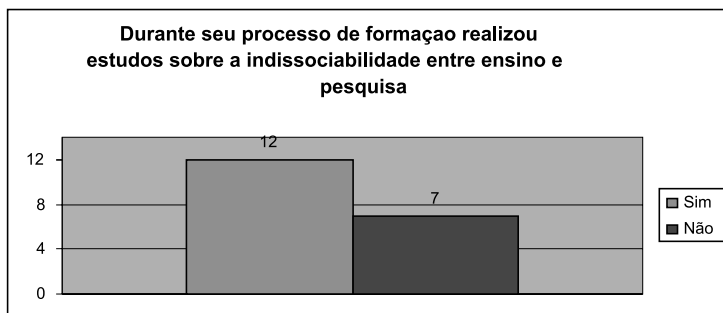
Prof. 17- Sim. Utiliza de fonte oral.

Prof. 18- Sim. Utiliza de fonte oral.

Prof. 19- Não.

No questionário, havia uma pergunta sobre o processo de formação dos professores e sobre o estudo da indissociabilidade entre ensino e pesquisa nos diferentes níveis de ensino.

GRÁFICO 4



Pelas respostas dadas sobre estudos sobre a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, comparados aos que se sentem preparados para trabalhar com pesquisa, notamos uma diminuição dos índices: 17 professores disseram se sentir preparados para trabalhar com a pesquisa e associam isso à sua formação e 12 é o número dos que responderam ter realizado estudos sobre a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, sinalizando que é preciso dar mais ênfase ao debate que associa os projetos de pesquisa à formação do professor. Esta mensagem ressoa de modo particular para o curso de História do CAC/UFG, onde a maioria dos professores que atua na rede estadual de ensino da cidade se formou.

No que diz respeito à realização da pesquisa em sala de aula, 9 professores responderam dar preferência a fontes orais, 6 não responderam, 2 trabalham com o manual curricular do MEC, 1 trabalha com contos populares e outro com fotos.

Verifica-se que o tipo de fontes utilizadas tem relação com o tipo de temática ligada ao cotidiano dos alunos, como tempo histórico sobre o qual os professores consideram possível realizar investigação com alunos do ensino fundamental e médio. Trabalhar com assuntos ligados ao cotidiano dos alunos pode ser importante para que desenvolvam a capacidade de observação do meio próximo, introduzindo a importância de elementos de sua vivência, tais como a própria moradia, fotografias, artigos de jornais e revistas, etc., considerando-os como objetos de estudo, portadores de informações históricas possíveis de serem resgatadas. Entretanto, é possível trabalhar outras temporalidades e problemáticas ainda no ensino fundamental e médio.

De acordo com Cabrini (1987), a História que exclui a realidade do aluno, que despreza qualquer experiência da História por ele vivida, impossibilita-o de chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre a dimensão histórica de sua realidade individual, de sua família, de sua classe, de seu país, de seu tempo. Essa História torna natural o fato de o aluno não se ver como um agente histórico, torna-o incapaz de colocar questões ou de perceber os conhecimentos que, a partir de suas experiências individuais, possam ser base de discussão em sala de aula, porém o professor deve estar ciente da utilização dos novos métodos. Esse processo requer deles um aprofundamento de seu conhecimento acerca da constituição das diferentes linguagens, seus limites e suas possibilidades.

Isso faz pensar que a formação continuada de professores deveria ser um procedimento basilar da estrutura educacional. No entanto, o que se percebe é quase sempre o sistema se portando como barreira à qualificação dos professores dos níveis fundamental e médio de ensino.

A maior parte dos professores (12) respondeu que as escolhas dos temas são feitas pelo professor e o aluno conjuntamente e a menor parte (4) disse apresentar o assunto já escolhido para os alunos e 3 professores não responderam.

O tema a ser pesquisado, sendo escolhido por professores e alunos conjuntamente, proporciona ao aluno um maior interesse e o trabalho se torna prazeroso para ambos, mas cabe ao professor orientar o aluno em todas as etapas necessárias para que se possa iniciar o trabalho, tais

como na definição do tema ou assunto a explorar, dos objetivos a serem seguidos, dos meios para coletar dados e informações, das etapas a seguir, das ações a cumprir e dos resultados a alcançar.

A pesquisa, quando trabalhada pelo aluno com algo que lhe interessa, acaba se tornando fácil, pois o professor, quando estimula a investigação sobre um tal tema, contribui para despertar nele o gosto pela pesquisa, o diálogo, os questionamentos e a observação, favorecendo a sua competência e suas relações interpessoais. Fazer pesquisa não é algo difícil, como diz, Marcos Bagno (1998), pode estar presente em diversos momentos do cotidiano, nas atividades mais corriqueiras do dia a dia de todos os indivíduos.

Portanto, a pesquisa é algo sério, seu objetivo é trazer uma nova contribuição ao saber, ela não pode ser tratada com menosprezo ou pouco caso na escola. Para que os alunos tenham algum sucesso na sua atividade futura, seja ela do tipo que for, científica, artística, comercial, industrial, técnica, religiosa, intelectual, etc., é fundamental e indispensável que aprendam a pesquisar. Eles somente aprenderão a pesquisar se os professores puderem ensinar (BAGNO, 1998, p. 21).

Pesquisar exige seriedade. O sistema educacional, nele incluso o professor, deve tratar este trabalho de forma correta, para que no futuro o aluno saiba a sua importância, o que com certeza lhe renderá bons frutos, pois por meio da pesquisa os alunos desenvolvem suas habilidades investigativas e conhecimentos significativos úteis para a vida e que lhe servirão de base para os estudos futuros.

A pesquisa busca o conhecimento, para poder agir na base do saber pensar [...] A pesquisa se alimenta de dúvidas, de hipóteses [...] A pesquisa pretende, através do conhecimento inovador, manter a inovação como processo permanente (MARTINS, 2005, p. 87).

Ainda sob essa perspectiva, Martins (2005, p. 93) ressalva:

O professor não pode esquecer de que qualquer pesquisa escolar, por mais simples que seja, ao ser adotada como proposta pedagógica, deve obedecer a certos princípios elementares da iniciação científica, portanto tem de ser orientada e complementada por ele [...] Trabalhar a pesquisa na escola, além de ser renovação e inovação dos métodos tradicionais conduz o aluno a estudar e a ver as coisas de forma metódica, inteligente e prazerosa.

Pelo que se percebe, a partir dos questionários respondidos, há um interesse dos alunos, quando lhes são propostas novas formas de aprendizagem. Em todos os questionários analisados, constata-se que os alunos ficam motivados e se engajam na elaboração de projetos. Será citado abaixo vários projetos realizados por alunos dos professores pesquisados.

Lixão de Catalão: projeto trabalhado com turmas de 7º e 8º séries do turno matutino. Os alunos montaram um vídeo com o objetivo de mostrar a realidade de famílias que sobrevivem através do que conseguem retirar do lixão. O filme foi apresentado em várias outras escolas da cidade.

Respeito às minorias: projeto trabalhado com as turmas da 7º séries do período matutino. Os alunos pesquisaram sobre pessoas com deficiências, suas dificuldades, lutas, desrespeitos que sofrem, etc.

Meio Ambiente, harmonia entre o homem e a natureza: foram feitas excursões a empresas da cidade de Catalão como Cooperbrás, Ultrafértil e Ibama, e, após as visitas, foram desenvolvidos maquetes, cartazes, desenhos e produções de textos.

O povoamento do Estado de Goiás: o trabalho teve visita de campo, apresentação teatral e produção de material escrito e visual. Os alunos foram levados a visitar o Vilarejo de Pedra Branca para ver o marco inicial do povoamento do Estado de Goiás.

História e Meio Ambiente: este projeto de pesquisa atendeu a proposta de lançar mão da possibilidade de se trabalhar com outras metodologias em História.

Brasil, mostra sua cara: este projeto obteve grande êxito, foi desenvolvido através de uma Webquest e elaborado a partir de questões levantadas pelos alunos na montagem do quadro cognitivo.

Cultura afro-brasileira – O negro pelo negro: não foram oferecidas maiores informações sobre o projeto.

Cidadania: ao trabalhar “Revolução Industrial” com as turmas do 2º ano (Ensino Médio), uma fábrica de peças íntimas foi visitada, para observar a relação da mão de obra com a matéria-prima. Houve palestras com membros do sindicato e foi feita uma análise do filme “Tempos Modernos”.

A proposta, com os questionários distribuídos, era sondar as concepções de pesquisa de todos os professores de História das escolas estaduais de ensino fundamental e médio de Catalão, porém a questão da sobrecarga de trabalho dos professores é um problema tão sério que a “falta de tempo” foi apresentada por 7 professoras(es) como argumento para não participarem da pesquisa. Mesmo os que se dispuseram a participar dela demoraram muito a entregar os questionários: depois de um mês, apenas 9 tinham conseguido responder, os outros pediram mais tempo. Foram várias voltas e só, quase no fim do mês de novembro, conseguimos o total de 19 questionários que serviram de base para a análise.

Mesmo sabendo dos limites do instrumento de pesquisa, pode-se notar que os professores de História que atuam/atuavam na rede pública, têm procurado incorporar a prática da pesquisa. Muitas dificuldades são apontadas pelos professores neste processo, tais como a falta de tempo, de materiais e de interesse dos alunos para desenvolverem a pesquisa de modo satisfatório. Dados os limites colocados pelo questionário, enquanto instrumento de coleta de dados, mesmo tendo acesso a respostas de cerca de 73% dos professores que atuavam nas escolas públicas estaduais da cidade de Catalão, falta-nos elementos que nos possibilitem auferir a qualidade das pesquisas realizadas, porque poucos professores descreveram de modo detalhado algum de seus projetos.

Todos os professores acreditam que é possível desenvolver trabalho de pesquisa nos níveis fundamental e médio, porém somente na metade dos questionários respondidos dizem desenvolverem regularmente este trabalho na sala de aula. Se considerando que o total de questionários obtidos representa pouco mais de 70% do total de professores, é possível dizer que apenas cerca de 35% a 40% dos que atuavam em 2006 já tinham desenvolvido algum projeto de pesquisa com seus alunos. Optou-se por olhar para estes números de maneira positiva, valorizando o trabalho daqueles que, apesar dos problemas, procuram investir gradativamente em uma nova forma de ensinar História.

Ao contrário do que dizem Marcos Bagno (1998) e Selva Guimarães Fonseca (2003), com obras publicadas em 1998 e 2003, respectivamente, que fizeram reflexões bastante pessimistas com relação à qualidade das pesquisas realizadas no ensino fundamental e médio, considerando os professores despreparados e muitas vezes desprovidos de técnicas para trabalhar com esta nova prática de ensino, os professores da rede estadual de ensino, atuando em 2006 na cidade de Catalão-GO, afirmaram terem instrumental em sua formação para a lida com a pesquisa. Aqueles que não a praticam como princípio educativo atribuem isso a fatores da estrutura educacional e às condições sociais vividas por seus alunos.

Retomar os dados desse levantamento realizado já há algum tempo, para trazê-los a público, tem uma perspectiva de viabilizar uma reflexão sobre este que é considerado um ganho significativo para o ensino de História em todos os níveis, qual seja, a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, e apontar que a viabilização deste princípio requer, além de qualificação dos professores, uma série de itens ausentes nas condições de trabalho da maioria daqueles que estão atuando. Efetivamente pode-se dizer que a melhoria da qualidade do ensino de História e de todas as demais disciplinas demandam revalorização dos profissionais da educação e criação de condições estruturais de envolvimento de alunos e professores em suas atividades e que os avanços na qualidade da educação e no ensino de História em Catalão-GO têm sido fruto do desejo e esforço dos professores que sonham desempenhar bem o trabalho para o qual se capacitaram na graduação.

É urgente que haja uma política consistente de educação continuada para professores, pois em nenhuma área, e na educação menos ainda, é possível aos profissionais exercerem com qualidade suas funções sem uma atualização permanente de seus saberes. Quando falo em política de qualificação continuada, não estou me referindo às insignificantes “reciclagens”, até porque professores não são “lixo”, mas a especializações, mestrados e doutorados, durante os quais os professores gozem de afastamento, remuneração e todas as condições para estudar.

Lembro-me aqui de minha experiência pessoal de professora recém concursada na rede pública estadual de Minas Gerais e recém-ingressa no programa de pós-graduação da PUC/SP, quando tive que escolher uma das opções, pois ou assumia minha vaga, ou melhor minhas vagas, porque tinha sido aprovada para assumir um cargo no Ensino Fundamental e outro no Ensino Médio, ou cursava o mestrado, uma vez que o Estado não permitia o afastamento, nem sequer se propunha a conciliar meus horários para viabilizar a qualificação.

Este meu caso não é um caso isolado. Os professores prestam um serviço essencial à sociedade, mas ao contrário do que acontece com todos os prestadores de serviço, que investem na qualificação dos funcionários, o Estado insiste em criar impedimentos. Além de tudo, os irrisórios salários não permitem aos professores arcarem com o ônus de suas qualificações, nem sequer podem comprar alguns livros para tentarem remediar o problema da atualização de seus conhecimentos. Quem aprofundar seu olhar na questão da educação verá que são os professores que têm, com muito esforço, sido os que ainda garantem ao sistema educacional brasileiro a sua qualidade.

Referências dos professores que responderam ao questionário

Professor 1- Professor formado em História no ano de 1998 pela UFG - Campus Avançado de Catalão, com o título em licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização, porém não é informado em qual área, participa regularmente de cursos de extensão, como: Projeto: Viva e Reviva Catalão e FCA ferroviária. Atua há 15 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do nível fundamental.

Professor 2- Professor formado em História no ano de 2000 pela UFG - Campus Avançado de Catalão, com título de bacharelado, possui curso de especialização, porém não é informado em qual área. Atua há 20 anos como professor da rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do nível fundamental.

Professor 3- Professor formado em História no ano de 1995 pela UFG - Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização, porém não é informado em qual área, participa regularmente de cursos de extensão, como: Plano de desenvolvimento curricular do Ensino Médio e Formação do continuada do Ensino Fundamental. Atua há 12 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em 2 escolas, do nível fundamental e médio.

Professor 4- Professor formado em História no ano de 1996 pela UFG - Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização em: Métodos e técnica no ensino de História, Supervisão escolar, Progestão, participa regularmente de cursos de extensão oferecidos pela Subsecretaria de Educação. Atua há 17 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do nível médio e fundamental.

Professor 5- Professor formado em História no ano de 1997 pela UFG - Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização, porém não é informado em qual área, participa regularmente de seminários e encontros e congressos científicos. Atua há 9 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em duas escolas do nível médio e superior.

Professor 6- Professor formado em História no ano de 2001 pela UFG – Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização em História

do Brasil – CAC-UFG. Atua há 7 anos na rede estadual de ensino, no momento trabalha em quatro escolas do nível fundamental, médio e superior

Professor 7- Professor formado em História no ano de 1999 pela UFG – Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização em História do Brasil. Atua há 5 anos na rede estadual de ensino, no momento trabalha em 2 escolas do nível fundamental e médio.

Professor 8- Professor formado em Geografia e em História no ano de 1999 pela UFG – Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização em História do Brasil. Atua há 20 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do nível médio (2º Grau – EJA).

Professor 9- Professor formado em História no ano de 2000 pela UFG – Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização em História do Brasil. Participa regularmente de cursos de extensão como: Qualidade nas relações humanas, Didática de português, Rádio escola. Também participa regularmente de seminários voltados para a educação e de encontros e congressos científicos. Atua há 11 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do nível médio.

Professor 10- Professor formado em História no ano de 1997 pela UFG – Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização em História do Brasil. Participa regularmente de cursos de extensão como: Progestão – novas perspectivas metodológicas – EJA, Currículo programático e temático – Ética. Atua há 8 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola, não é informado os níveis de ensino.

Professor 11- Professor formado em História no ano de 1993 pela UFG – Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização em História das sociedades. Participa regularmente de cursos de extensão promovidos pelo Estado e de seminários realizados pela rede estadual de ensino. Atua há 15 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do nível médio.

Professor 12- Professor formado em História no ano de 1986 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari, com título de licenciatura plena, possui curso de especialização em História Moderna e Contemporânea – Planejamento Educacional. Participa regularmente do curso de extensão: Sociedade e cultura local: as novas demandas do Ensino no século XXI e de seminários e congressos científicos. Atua há 19 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do ensino fundamental e médio.

Professor 13- Professor formado em História no ano de 1995 pela UFG – Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, não possui curso de especialização, participa regularmente de cursos de extensão como: Reforma curricular do Ensino Médio e Formação continuada. Atua há 11 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em 2 escolas do nível fundamental e médio.

Professor 14- Professor formado em História no ano de 1996 pela UFG – Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização, porém não é informado em qual área, participa regularmente de cursos de extensão. Atua há 26 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do nível fundamental e médio.

Professor 15- Professor formado em História no ano de 2005 pela Universidade Estadual de Goiás, com título de licenciatura plena, não possui curso de especialização, participa regularmente de cursos de extensão como: Formação continuada do Ensino fundamental. Atua há 20 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do nível fundamental.

Professor 16- Professor formado em História no ano de 1999 pela UEG – Catalão-GO, com título de licenciatura e bacharelado, possui curso de especialização em Psicopedagogia. Atua há 12

anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do ensino médio.

Professor 17- Professor formado em História no ano de 1999 pela UFG – Campus Avançado de Catalão, com título de Licenciatura e Bacharelado, não possui curso de especialização. Atua há 8 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do nível médio.

Professor 18- Professor formado em História no ano de 2003 pela UFG – Campus Avançado de Catalão, com título de licenciatura e bacharelado, não possui curso de especialização. Atua há 12 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em uma escola do nível médio.

Professor 19- Professor formado em História no ano de 2005 pela UEG, com título de licenciatura plena, não possui curso de especialização. Atua há 15 anos na rede estadual de ensino, no momento em que respondeu ao questionário trabalhava em um escola, não informado o nível de ensino.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola - O que é como se faz*. São Paulo: Loyola, 1998.
- CABRINI, Conceição. *O ensino de História – revisão urgente*. São Paulo: Brasiliense. 1987.
- FONSECA, Selva Guimarães. *A incorporação de diferentes fontes e linguagens no ensino de História*. Campinas: Papyrus, 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas: Papyrus, 2003.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima. *História e ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- HORN, Balduino; GERMANI, Geysa Dongley. *O ensino de História e seu currículo: Teoria e método*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1996.
- NIKITIUK, Sônia L. *Repensando o ensino de História*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, José Santos. *Projetos de pesquisa, estratégias de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Campinas: Armazém do Ipê, 2005.
- NUNES, Silma do Carmo. *Concepções de mundo no ensino de História*. Campinas: Papyrus, 1996.
- SILVA, Marcos A. *História o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- REIS, Carlos Eduardo. *História social e ensino*. Chapecó: Argos, 2001.
- RICCI, Cláudia Spag. *Da intenção ao gesto: quem é quem no ensino de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 1999.

Recebido em: 05 de outubro de 2011.
Aprovado em: 15 de dezembro de 2011.